

Gasoduto Brasil-Bolívia também ameaça Pantanal

Uso de explosivos para remover rochas durante abertura de valas pode afastar animais, que já estão fugindo do barulho

Amaury Ribeiro Júnior

Enviado especial

PORTO SOAREZ (Bolívia). O Pantanal Mato-Grossense está ameaçado pelo assoreamento dos rios, mas está sujeito também a enfrentar armadilhas preparadas pelo homem. Nas obras do Gasoduto Brasil-Bolívia, na divisa dos dois países, será necessário usar dinamite para remover rochas que venham a atrapalhar a abertura da vala por onde correrá a tubulação. Isso não consta do Relatório de Impacto Ambiental (Ri-ma), aprovado pelo Ibama. A omissão é admitida pelo engenheiro da Petrobras José Bernardino, coordenador da obra entre Corumbá (MS) a Guarema (SP), e pegou de surpresa secretários de Meio Ambiente e ambientalistas. — Li esse relatório, participei de reuniões e me sinto, como toda a sociedade, enganado. O uso de explosivos nunca foi mencionado em reuniões promovidas pela Petrobras — diz o biólogo e ambientalista Alcides Farias, presidente da Ecoa (Ecologia e Ação), principal entidade ambientalista do estado.

Consórcio já começou a abrir valas no lado boliviano

As obras do gasoduto já começaram a mudar a rotina dos moradores de Mutum, no Chaco, o pantanal boliviano. No início do mês, 50 operários do Consórcio Brow & Root Murphy/CPB começaram a abrir as valas de 2,60 metros de largura por 1,40 metro de profundidade.

— Os pássaros, as onças e os veados ficaram agitados e praticamente sumiram — afirma o soldado do Exército boliviano Rômulo Saltinenzala, que vigia os equipamentos.

O barulho das máquinas começa às 7h e só termina à noite.

— Isso aqui parece coisa de louco. Estou até pensando em voltar para casa — diz o operário carioca José dos Santos, de 41 anos, que ganha mil reais.

Segundo o chefe da obra na Bolívia, o engenheiro Freddy Orelano, nos 20 quilômetros já percorridos pelas obras foram encontrados 113 focos de rocha.

— A partir do dia 25 começaremos a retirar os pássaros e os demais bichos para fazer a explosão uma só vez. Certamente, por ar na divisa e apresentar o mesmo tipo de solo, o lado brasileiro também precisará de explosão — diz o engenheiro.

Bernardino confirmou o uso de explosivos, mas não soube explicar a quantidade e em que trechos serão usados.

— Só saberemos disso depois



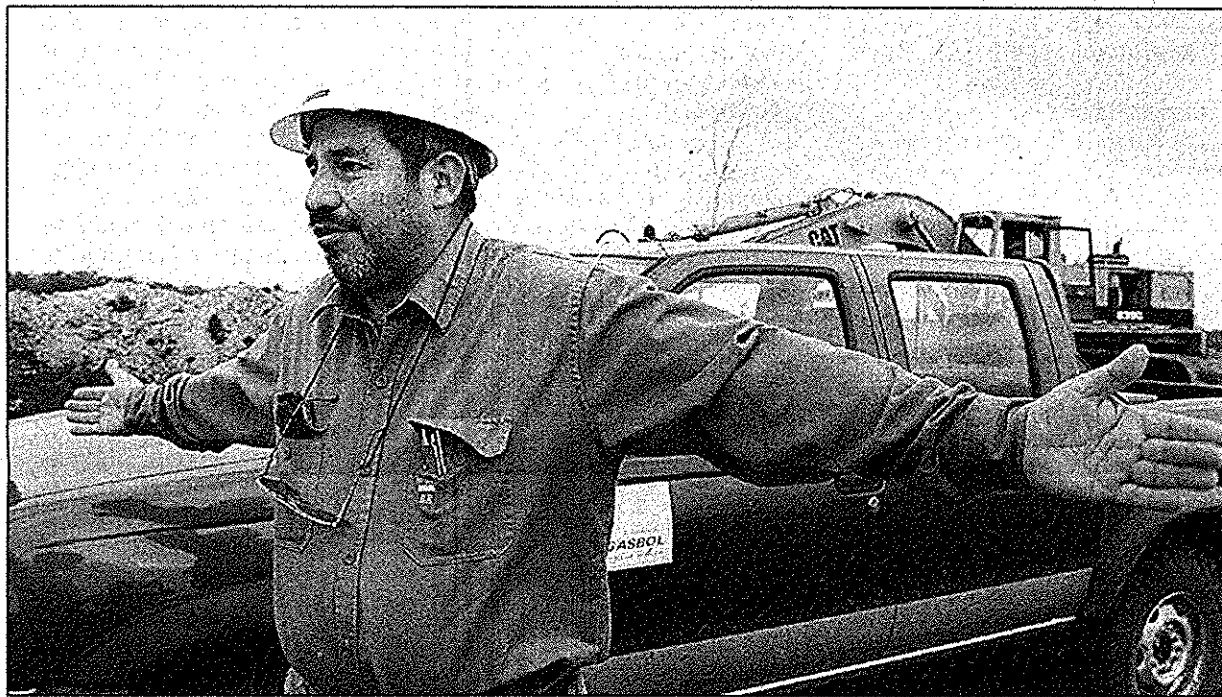
CANTEIRO DE OBRAS DO Gasoduto Brasil-Bolívia: ambientalistas temem sérios danos ao ecossistema do Pantanal mato-grossense com o uso de cargas de explosivos para remoção de rochas

que as valas comecem a ser abertas — diz.

Como o volume de explosivos ainda não foi medido, é difícil para ambientalistas e técnicos fazer um prognóstico detalhado das consequências das explosões. Mas estão convictos de que a polêmica servirá para pôr à prova, mais uma vez, a eficiência do relatório, que passou a ser exigido na década de 80 pela Resolução nº 1 do Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama).

— Como são as empreiteiras que elaboram os relatórios, eles estão se tornando meros instrumentos legalizadores da destruição da natureza. Obviamente, para economizar, as empreiteiras contratam empresas despreparadas — afirma Farias.

Recheado de erros, como confundir o caimão (o jacaré do Pantanal) com o jacaré-de-papo-amarelo (inexistente na região), o relatório, elaborado pela Engevix, é defendido pelo geólogo da Petrobras Eduardo Lopes de Freitas, coordenador de Engenharia de Meio Ambiente do projeto. Ele defende a tese de que as explosões não atingirão o Pantanal, já que "não serão encontradas rochas



FREDDY ORELANO, engenheiro-chefe da obra na Bolívia: "No lado brasileiro também será necessário usar explosivos"

nas partes alagadas". O geólogo acredita que as aves não serão incomodadas, já que as explosões serão abafadas por sacos de areia e provocarão o deslocamento de pedras num raio máximo de 300 metros, que considera pequeno.

— O relatório não deu prioridade ao uso de explosivos porque o

impacto será pequeno, comparado a outros problemas — diz.

Com custo de R\$ 2 bilhões, financiados pelo Bird e pelo BID, o gasoduto percorrerá 3.150 quilômetros, 560 na Bolívia e 2.590 no Brasil. O gás sairá de Rio Grande (a 40 quilômetros de Santa Cruz de La Sierra) para Porto Soarez,

na divisa, e cruzará Mato Grosso do Sul, São Paulo e Santa Catarina até chegar a Porto Alegre. O Brasil comprará por dia oito milhões de metros cúbicos, o equivalente a 50 mil barris de petróleo. Em oito anos, passará a receber o dobro. As obras cruzarão 124 quilômetros de Pantanal, entre Corum-

bá e Miranda, dos quais 70 são considerados críticos.

— Algumas dessas áreas estão totalmente alagadas e até o hoje a Petrobras, que nos tem sonogado informações, não deu explicações sobre como será feita a manutenção sem perturbar os animais — diz Farias.

Segundo ele, a Petrobras assumiu que controlará as árvores profundas para evitar que a canalização seja prejudicada.

— Estamos investigando a denúncia de que nos 70 quilômetros das áreas alagadas serão lançados produtos químicos numa faixa de 15 metros para impedir o crescimento de qualquer vegetação que venha a deteriorar os canais — diz Farias.

Engenheiro da Petrobras refuta denúncias de agressão

As denúncias são refutadas por Bernardino. Apesar de o controle ambiental estar sob a responsabilidade das empreiteiras, o engenheiro garante que os impactos ambientais serão minimizados.

— Não serão feitos aterros nem construídas estradas adicionais, já que o gasoduto correrá ao lado da BR-262, que liga Corumbá a Campo Grande. ■

Búfalos, a opção para alimentar as famílias

Agricultores não podem mais plantar

• CORUMBÁ (MS). Acompanhado do cunhado Natalino Moraes, o agricultor Ney Costa Soares, de 39 anos, segue de canoa numa lagoa da Fazenda Palmeiras tentando capturar um búfalo. Sem armas para abater o animal, os caçadores tentam atingi-lo com a canoa para matá-lo a golpes de facão. O animal mergulha e consegue fugir.

No dia seguinte, Ney e Natalino continuam a tentar capturar búfalos, dessa vez em terra firme, onde os animais costumam ser mais perigosos e reagem à ofensiva. Natalino se esconde numa árvore, mas o cunhado cai e é atingido. Ele ainda tenta se proteger agarrando o chifre do animal. O búfalo larga o caçador depois de feri-lo nas costas e nas pernas.

Animais eram criados em cativeiro mas fugiram

Os búfalos tornaram-se selvagens, procriando-se livremente no Pantanal, depois que conseguiram arrombar as cercas das fazendas. Os pequenos agricultores passaram a caçar os animais para alimentar as famílias depois que tiveram as

terras alagadas. Como os búfalos só são abatidos com armas de grosso calibre, os animais têm levado a melhor.

— A caça é perigosa. A gente só se arrisca porque um búfalo rende muita carne — diz Ney, mostrando os resultados de sua caçada anterior: três costelas quebradas e seis cortes na barriga e nas pernas.

Apesar de ter começado há pouco mais de seis meses, a caça aos búfalos já rende até troféus. Reginaldo da Silva, de 28 anos, um dos mais conceituados caçadores de São Domingos, guarda em casa quatro cabeças de búfalo.

Os agricultores consideram a caça legal alegando que os búfalos não pertencem à fauna e a nenhum proprietário. Esse argumento, no entanto, não convence o comandante da Polícia Florestal de Corumbá, Walter Godoy, que promete reprimir a caça:

— Qualquer tipo de caça, de animais exóticos, por exemplo, necessita de autorização do Ibama. Os caçadores correm o risco de cometer ainda outro crime, se estiverem com armas sem registro.

Olheiros protegem pescadores da polícia

Guardas florestais afirmam que bolivianos também exploram a pesca predatória

• COXIM (MS). Desde que a Lei da Piracema, que proíbe a pesca nos rios do Pantanal entre novembro e janeiro, entrou em vigor este ano, M. de 15 anos, começou a ter motivos de sobra para sorrir. Pelo menos três vezes por semana, de cima da ponte do Rio Coxim, passou a fazer um bico que lhe rende até R\$ 800 por mês.

Ao perceber que os barcos com os policiais florestais começaram a subir o rio, M. solta um rojão. O objetivo é alertar Janair Gomes e outros pescadores, que lançam redes de até 200 metros para fregar os peixes que resistiram ao assoreamento do Taquari, subindo as cachoeiras do rio para se reproduzir. A cena se repete diariamente na praça principal da cidade, à beira do rio, onde crianças e adultos também soltam foguetes para proteger os pescadores que lançam redes a 15 metros rio acima.

— Dividimos o dinheiro da venda da pesca com os sentinelas e fazemos um revezamento entre os pescadores. Se a gente pára de pescar, morre de fome — diz Janair Gomes, acrescentando que de uma só vez chega a retirar das cachoeiras 200 quilos de peixe.

Com apenas 11 homens para fiscalizar a região, a Polícia Florestal montou uma estratégia para tirar os sentinelas, mas acabou dando pouco resultado.

— Enquanto uma turma seguia de barco, a outra ia de jipe. Chegamos a prender um sentinela, mas, como é muita gente, a situação está ficando incontrolável — conta o policial Waldemar Muniz Barreto.

Segundo o policial, a audácia dos pescadores não tem limites: na madrugada do dia 7, um grupo deles chegou a trocar tiros com policiais florestais ao receber voz de prisão. Os pescadores conseguiram fugir.

Pescador pede permissão para pesca com vara

Para Raimundo Salles, presidente da Colônia dos Pescadores Profissionais, a pesca predatória só será controlada se houver tolerância na Lei da Piracema, já que cerca de 300 pescadores ficam desempregados nesta época do ano.

— Defendemos que deveria haver uma legislação que permitisse a pesca de uma quantidade limitada de peixes com vara. Só assim conseguiríamos controlar a pesca com redes.

Segundo a Polícia Florestal, os pescadores bolivianos, associados com brasileiros, estão invadindo o Pantanal. O capitão Walter Godoy diz que como os barcos têm bandeira internacional só podem ser abordados pela Marinha.

— De uma só vez apreendemos, perto de Campo Grande, 30 toneladas de peixes que estavam sendo levados em carretas para São Paulo. É só olhar o mapa da Bolívia, onde praticamente não existem rios, para se constatar que esses peixes saíram do Brasil — diz Godoy.

A ação dos pescadores bolivianos também não tem sido impedida por patrulheiros navais. Mas, segundo o comandante do 6º Distrito Naval, contra-almirante Júlio Soares de Moura Neto, controlar a pesca predatória não é da alçada da Marinha, que tem efetivo de mil homens atuando na região.

— O problema vai ser resolvido quando for definido um tratado das águas entre os países vizinhos — diz Neto.

Mas os problemas do Pantanal não param por aí. Um estudo do biólogo Wagner Fisher, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, mostra que não são apenas os pescadores profissionais que vêm provocando danos ao ecossistema da região. Ao percorrer durante um ano e meio a BR-262, a Transpantaneira, que liga Corumbá a Campo Grande, o biólogo deparou-se com uma triste realidade: o ecoturismo está colocando em risco ecossistemas do pantanal. Durante a peregrinação, o biólogo conseguiu identi-

ficar 1.310 animais mortos por atropelamento na rodovia. E o pior: várias dessas espécies, entre elas o lobo-guará e o tamandua-bandeira, estão em vias de extinção.

Os danos causados pelo ecoturismo também foram discutidos em outro estudo, do Centro de Pesquisa para a Conservação de Animais Silvestres, da universidade. Segundo o pesquisador de zoologia Massao Uetanabra, há fortes indícios de que a presença dos turistas tem levado aves a abandonar os ninhos.

— Muitos turistas passaram a espantar os pássaros para ver os animais em revoadas e fazer imagens e fotos, acabando com o sossego dos bichos — diz Uetanabra.

Animais migrantes para no Pantanal para reproduzir

Os pesquisadores descobriram que entre as espécies prejudicadas estão as aves aquáticas que migram da América do Norte para Argentina e outros países, fazendo escala no Pantanal para construir ninhos. Uma prova de que as águas rasas e o alimento farto podem deixar de ser atrativo para espécies como colhereiro, cabeça-seca, garça-joão-grande e outras aves, que passarão a seguir rota e abandonar o Pantanal. ■